



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA  
POLO PALMEIRA DOS ÍNDIOS

EDNEIDE MARIA DE LIMA

**A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO LUGAR ONDE A IMAGEM FALA:  
O ENCONTRO DOS PRÉ-LEITORES COM TEXTOS IMAGÉTICOS**

PALMEIRA DOS ÍNDIOS-AL  
2020

EDNEIDE MARIA DE LIMA

**A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO LUGAR ONDE A IMAGEM FALA:  
O ENCONTRO DOS PRÉ-LEITORES COM TEXTOS IMAGÉTICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Pedagogia a Distância, do Polo de Palmeira dos Índios da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Pedagogia, sob a orientação da Professora Especialista Maria José Guerra.

PALMEIRA DOS ÍNDIOS-AL  
2020

**A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO LUGAR ONDE A IMAGEM FALA:  
O ENCONTRO DOS PRÉ-LEITORES COM TEXTOS IMAGÉTICOS**

EDNEIDE MARIA DE LIMA

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do título de graduanda em Pedagogia-Licenciatura Plena e obrigatório para obtenção do título de Licencianda em Pedagogia.

**Comissão Examinadora**

Artigo Científico defendido e aprovado em 02/10/2020

Maria José Guerra  
Orientador – Presidente Esp. Maria José Guerra (CEDU/UFAL).

Meiriane Ferreira Bezerra Santos  
Examinador/a 2 Profa. Me/ Meiriane Ferreira Bezerra Santos (CEDU/UFAL)

Idnelma Lima da Rocha  
Examinador/a 3 Profa. Me. Idnelma Lima da Rocha (CEDU/UFAL)

# **A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO LUGAR ONDE A IMAGEM FALA: O ENCONTRO DOS PRÉ-LEITORES COM TEXTOS IMAGÉTICOS**

Edneide Maria de Lima  
Orientadora: Maria José Guerra

## **RESUMO**

O presente trabalho estuda a importância da leitura de imagens e como as crianças pequenas aprendem a recontar as histórias a partir dos desenhos contidos nos livros infantis. O trabalho está de acordo com a Base Nacional Comum Curricular-BNCC (2008) que dá destaque, às experiências com a leitura de histórias que favoreçam aprendizagens relacionadas à leitura, ao comportamento leitor, à imaginação e à representação. O referido trabalho foi desenvolvido no ano de 2014 vivenciando e pesquisando minha prática docente em uma turma de crianças pequenas na Vila Capim, área rural da cidade de Arapiraca/AL. Metodologicamente, caminha e aporta-se sob as bases da pesquisa-ação e teve como instrumentos de coleta, os registros escritos e fotográficos de uma prática vivenciada com o uso do texto com imagens. Sustenta-se nos estudos de autores como Coelho (2010), Abramovich (1997), Kefalás (2010), Kramer (1987), (2013), Santaella (2012), Thiollent (2009) entre outros. Após a realização da pesquisa foi possível perceber que escolher, criar e oportunizar os caminhos que melhor desenvolvam nas crianças pequenas relações de conhecimento, de reconto, releituras e de performances é, sem dúvida, a proposta maior da leitura de imagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura de imagens. Educação infantil. Reconto. Crianças pequenas.

## **INTRODUÇÃO**

Tratar sobre a questão da imagem como “texto visual” e a importância de sua leitura na Educação Infantil possui grande relevância, pois leva os professores a se tornarem mediadores no processo de ensinar a ver o que as gravuras dos livros infantis dizem as crianças pequenas. O texto visual, no contexto da Educação Infantil, tem o propósito de contribuir para o desenvolvimento da leitura de mundo da criança e, conseqüentemente, para a construção do seu repertório de conhecimentos. Em se tratando de texto visual, na ótica de Moraes & Dionísio (2009, p.2),

Com o passar dos anos, a construção textual deixou de ser realizada, unicamente, por intermédio de palavras e frases. Isso significa dizer que a construção do texto passa a contar com um novo elemento/componente – a imagem. Diante disso, hoje, a composição textual deixa de primar apenas pela palavra e pela frase, aderindo, desse modo, à imagem.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo vivenciar junto às crianças pequenas o encontro com os textos visuais/imagéticos a partir da escuta de história, leitura de imagens e reconto das narrativas.

A metodologia utilizada nesse trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa baseada em uma pesquisa de campo com intervenção constituindo-se em pesquisa-ação e justifica-se pelo fato de que a literatura infantil na sala de interação consiste em levar as crianças pequenas a ouvir a história, observar atentamente as imagens e instigar o seu imaginário para que através do reconto oral possam se expressar livremente.

Para melhor estruturação do artigo, o referido está dividido em três subtemas. Começamos esclarecendo acerca do atendimento às crianças pequenas, quais são os fundamentos históricos e legais de um processo de atendimento na Educação Infantil, e ainda trazendo o histórico e as bases legais que fundamentam a Educação infantil e o atendimento às crianças pequenas em âmbito nacional e local. Falaremos ainda sobre o histórico da Educação Infantil, a oferta na rede municipal e o número de crianças pequenas atendidas na Educação Infantil nos anos de 2013 a 2015.

Em um segundo momento descrevemos a importância da leitura das imagens e qual a sua relevância para formação de futuros leitores. Trataremos acerca da necessidade de um trabalho que junte a imaginação, a fantasia, o ato de ler não convencionalmente com a criatividade da criança pequena ao (re)contar a história apenas através dos desenhos, incorporando-a.

Para finalizar, tratamos acerca da ação e da reflexão por meio de uma intervenção enquanto aluna-professora durante a vivência do trabalho com o uso dos gêneros literários, a contação de histórias e a leitura de imagens na Educação Infantil. Abordaremos ainda acerca do contato inicial dos neoleitores da educação infantil com os gêneros literários e a forma como são atravessados pela literatura.

Os resultados preliminares sinalizam que os recursos semióticos constituem uma relação dialógica da criança pequena com o livro, pois a mesma consegue através da imagem, da voz, dos gestos e dos movimentos reconstruir os fatos da narrativa.

Este trabalho é apenas o início de uma caminhada que pode formar os neoleitores em sujeitos críticos, ativos e perspicazes, e espero que o leitor, deste trabalho, possa abrir seus horizontes, que pesquise e leia cada vez mais sobre este mundo maravilhoso que é a Literatura Infantil.

## **O ATENDIMENTO ÀS CRIANÇAS PEQUENAS: FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E LEGAIS DE UM PROCESSO DE ATENDIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Na história das sociedades, o atendimento às crianças pequenas na escola, enquanto instituição de educação formal, é um fato relativamente recente. Se pensarmos que a história

nos mostra que o conceito de criança pequena se construiu através dos tempos, em meados do século XVIII com o surgimento das concepções de criança pequenas, educação e de sociedade.

Com a finalidade de definir tais pressupostos recorreremos à história social da criança e da família descrita por Àries (1978), a partir da Idade Média e a forma como seu trabalho contribuiu para conhecermos e entendermos o verdadeiro papel da infância bem como suas necessidades e seu papel social. A luz de análise documental e bibliográfica foi possível constatar que as políticas e as concepções pedagógicas que fundamentaram a história da Educação Infantil nos ajudam a entender as configurações das políticas públicas adotadas pelo poder público para atender à infância.

Após o Renascimento a sociedade europeia estava em pleno desenvolvimento nas áreas da ciência, da tecnologia e da economia e para atender ao mercado surgiu a necessidade de criar modelos educacionais que visassem superar os desafios estabelecidos pela sociedade. A partir daí surgiram concepções sobre a criança e como ela deveria ser educada, a escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Segundo Pinto (1997, p. 44):

[...] a infância constitui uma realidade que começa a ganhar contornos a partir dos séculos XVI e XVII. [...] As mudanças de sensibilidade que se começam a verificar a partir do Renascimento tendem a deferir a integração no mundo adulto cada vez mais tarde e, a marcar, com fronteiras bem definidas, o tempo da infância, progressivamente ligado ao conceito da aprendizagem e de escolarização. Importa, no entanto, sublinhar que se tratou de um movimento extremamente lento, inicialmente bastante circunscrito às classes mais abastadas.

Neste contexto histórico o conceito da infância mudou, desencadeando uma preocupação da sociedade em estabelecer métodos de educar e escolarizar as crianças. A criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente através do contato com eles. A criança pequena agora foi separada dos adultos e mantida à distância em uma espécie de quarentena antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio.

No Brasil, os primeiros projetos de atendimento às crianças pequenas apareceram efetivamente por volta do século XIX, para dar auxílio aos filhos das mulheres trabalhadoras das indústrias, com objetivos assistenciais na área médica. Com a chegada das fábricas houve uma mudança na estrutura da família tradicional brasileira, distanciando-se do modelo descrito por Àries (1978). As mulheres saíram de casa para trabalhar nas indústrias o que acarretou na busca de atendimento as crianças pequenas, assim alguns proprietários tiveram a iniciativa de criar esses espaços destinados ao cuidado com as crianças perto das fábricas onde as mães trabalhavam. De acordo com Drouet (1990, p.53):

[...] a primeira referência oficial à pré-escola em nosso país encontra-se no projeto da Reforma Leônicio de Carvalho, em 1878, portanto no período imperial. Esse projeto, cuja ideia central é a liberdade de ensino, estabelece, em seu artigo 2º, a obrigatoriedade de frequência às escolas primárias a partir dos sete anos, prevendo a fundação de jardins-de-infância e escolas normais.

Porém, os jardins-de-infância eram, em sua maioria, particulares, destinados somente às crianças da elite, porque as escolas eram caras. De acordo com Kramer (2003a, p.52), “em 1899, foi fundado o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Brasil. O motivo foi que nesta época houve uma movimentação e uma preocupação com a necessidade de criarem creches, jardins-de-infância e maternidades”. E como o próprio nome já diz, a criação do Instituto tinha objetivos declaradamente assistenciais ligados à área médica, predominando um tipo de educação centrada no cuidado.

Se pensarmos a legitimação do direito ao atendimento às crianças pequenas no que diz respeito a responsabilidade do Estado brasileiro com a educação, podemos perceber a materialização desse direito na Constituição Federal (CF) de 1988, quando em seu Art. 205, pactua que a educação é “direito de todos e dever do Estado e da família [...]”, sendo que no Art. 208, inciso IV, está claro que tal responsabilidade do Estado se efetivará mediante concretização do atendimento a “educação infantil, em creches e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade.

A presença da educação das crianças pequenas no texto da Carta Magna de 1988, desencadeou um processo de materialização de uma série de instrumentos legais, normativos e leis complementares que se somaram num esforço de atendimento ao que estava proclamado na CF de 88.

Um exemplo disto, foi o movimento em defesa de crianças pequenas e adolescentes no nosso país que desembocou em 1990, na consolidação dos direitos da criança e do adolescente com a aprovação com da Lei nº 8.069/1999, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que em seu Art.54, inciso IV, corrobora com a Lei Maior quando afirma que “é dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente: [...] atendimento em creches e pré-escolas às crianças de zero a cinco anos de idade”, conforme a redação dada pela Lei 13.306/2016 a qual altera alguns incisos do ECA.

Nesse caminhar, temos em 1996, a aprovação da nossa terceira lei da educação nacional, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/96, que diferentemente das leis anteriores, a LDB 4.024/61 e Lei nº 5.692/71 apresenta um ganho singular na efetivação do esforço ao atendimento das demandas educativas das “crianças pequenas”, aquelas atendidas na pré-escola, com idade entre 4 anos a 5 anos e 11 meses, já na

creche estão os “bebês”, as crianças de 0 a um 1 e 6 meses, e as “crianças bem pequenas”, de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses, conforme denominadas no documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a partir dos diferentes grupos etários.

A atual lei da educação traz em seu bojo uma seção específica tratando da Educação Infantil com três artigos (29-31), que no Art. 29, reconhece a Educação Infantil como a “primeira etapa da educação básica”, e conforme o inciso I, será oferecida em “creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até 3 anos de idade”,(inciso I), os bebês e as crianças bem pequenas, já o inciso II, afirma que a oferta se dará em “pré-escolas, para as crianças de 4(quatro) a 5(cinco) anos de idade”, conforme o grupo etário (BNCC,2018).

Percebe-se que tais “conquistas” são produtos de um processo de luta e validação dos direitos das crianças pequenas no território nacional, o qual trouxe para o cenário político as discussões e reivindicações do povo brasileiro por uma educação que de fato atendesse os anseios de uma sociedade democrática, na promulgação de uma lei que contemplasse o público infantil em todos os seus aspectos, sociais, culturais, econômicos, políticos, etários e assim por diante.

É nesse cenário que se [re]configura a oferta da educação às crianças pequenas e o reconhecimento da importância da infância. Mesmo com a permanência da obrigatoriedade da educação básica a partir dos seis anos de idade, estrutura-se na lei o aparato legal que respaldaria esse atendimento nas escolas públicas.

A lei traz em seu bojo, o referendo a um atendimento que privilegia as crianças pequenas desde a tenra idade – as crianças com até três anos de idade, os bebês - nas creches, e as crianças de quatro e cinco anos o atendimento é reservado nas pré-escolas, sendo estas- as crianças pequenas de 4 e 5 anos- o foco desta pesquisa.

## **SITUANDO O LÓCUS DA PESQUISA: A CIDADE, A VILA E A ESCOLA** Arapiraca...

O povo arapiraquense se formou como resultado da união das famílias do grande município de Anadia com as famílias do português – Teodoro Pereira Cortês Correia, casado com Josefa Rosa dos Santos, que ao chegar ao Brasil conheceu muitas localidades no Nordeste e fixou-se temporariamente no povoado Varela, onde sua família por meio de casamentos atingiram a glória de tornar-se em um grande povo que se projetou com o casamento de Manoel André Correia dos Santos com Maria Isabel da Silva Valente e a coragem do casal ao se afastarem do meio familiar e fundarem Arapiraca. (Macedo, 1994, p.73)

Contam os historiadores de Arapiraca como Zezito Guedes (1999) e Valdemar de Macedo (1992,1994,1998), que uma prática comum por essas terras, é a formação de muitos dos municípios alagoanos está diretamente ligada a estruturação de suas vilas, povoados e

sítios, a partir dos múltiplos casamentos entre pessoas com aproximado grau de parentesco, sendo que Arapiraca não fugiu à regra quando de seu povoamento, conforme a epígrafe acima.

Arapiraca pertence à Mesorregião do Agreste Alagoano e está localizada a oeste da capital do estado, distante desta cerca de 128 Km e, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016), possui uma área de 345.655 km<sup>2</sup> e uma população estimada em 232.671 pessoas e conta com aproximadamente 48 bairros na sua área urbana.

Em se tratando do atendimento ao público infantil na rede pública de ensino da cidade de Arapiraca, na faixa etária de zero a seis anos de idade, os dados coletados pelo Plano Municipal pela Primeira Infância de Arapiraca (PMPI)<sup>1</sup>, junto ao IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) o Município de Arapiraca tem uma população residente estimada em 2014, de 229.329 habitantes, desta estima-se que 17% são crianças pequenas de até 6 anos. De acordo com dados da Secretaria Municipal de Educação publicados no PMPI, Arapiraca dispõem de 40 creches (0 a 3 anos), 60 pré-escolas (4 a 5 anos) e 39 escolas de Educação Infantil (0 a 5 anos), sendo 25 creches da rede municipal (16 zona urbana e 9 na zona rural), 16 da rede privada e 3 conveniadas.

Nesse trabalho nos deteremos em mostrar o quantitativo de crianças que estão na pré-escola haja vista que na instituição *lócus* da pesquisa, a oferta da Educação Infantil é para as crianças pequenas com faixa etária de 4 a 5 anos, o que compreende a pré-escola. Se, considerarmos o atendimento de crianças de 4 a 6 anos, por dependência administrativa, teremos o perfil de atendimento que pode ser assim configurado em números absolutos:

**Quadro 1:** ATENDIMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL POR DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA NO MUNICÍPIO DE ARAPIRACA, DE 2012 A 2015.

ANOS	MUNICIPAL	PARTICULAR	TOTAL
2012	5.461	3.619	9080
2013	5.136	3.675	8811
2014	3.887	1934	5821
2015	3731	-	3731

**Fonte:** Plano Municipal pela Primeira Infância de Arapiraca-AL (2010)

A partir dos dados pode-se perceber que o município de Arapiraca reduziu a oferta da educação infantil em seu território de modo que deixou de atender uma das metas/objetivos propostos no Plano Municipal de Educação elaborado em 2012, que pretendia acolher em

---

<sup>1</sup> O Plano Municipal pela Primeira Infância de Arapiraca é um documento que estabelece Diretrizes Gerais, Eixos Prioritários, Metas e Estratégias para o município a curto, médio e longo prazo, buscando a promoção dos direitos das crianças proclamados pela Constituição Federal, Estatuto da Criança e Adolescente e Plano Nacional pela Primeira Infância, com base nas leis setoriais da Educação, da Saúde, da Assistência, da Cultura, dos direitos da Criança e do adolescente, da Convivência familiar e comunitária, com vigência até 2026.

cinco anos, a 50% da população de até 3 anos de idade (os bebês e as crianças bem pequenas) e 80% da população de 4 e 5 anos (as crianças pequenas). Os dados acima para o ano de 2012 a 2015, quando considerados de forma relativa, mostram que o município tem um número decrescente no atendimento ao público infantil e que em média 1.730 crianças pequenas deixaram de ser atendidas na rede pública municipal de Educação.

Podemos fazer a leitura de que a defasagem no número de crianças pequenas atendidas pela rede Municipal de Educação dá-se pelo que cita o PMPI em relação à infraestrutura dos estabelecimentos de ensino de Educação Infantil em Arapiraca,

Em sua maioria, eles não atendem às exigências da legislação, apresentando, por exemplo, salas pequenas, sem ventilação, sem parque infantil, sem espaço para que se possa dinamizar as aulas, sendo as crianças, assim, privadas de realizar atividades que possibilitem um bom desenvolvimento cognitivo e psicomotor que, nesta faixa etária, são de fundamental importância além de prescritos por lei. (PMI de Arapiraca-AL, 2012, p. 54)

#### A Vila Capim e a Escola Jany Camelo Lima

Há aproximadamente 150 anos, Luiz Calista instalou-se na região e por existir uma Lagoa cheia de capim onde as pessoas de outros lugares levavam o seu gado para pastar, passaram a chamar de Lagoa do Capim, com o passar do tempo aboliram o nome Lagoa e passaram a chamar apenas de Sítio Capim, em seguida povoado Capim, hoje Vila Capim. Situado às margens da rodovia AL220, a vila cresce a cada dia de acordo com a Federação das Associações Comunitárias de Arapiraca (FACOMAR, 2003).

A infraestrutura atende às necessidades da comunidade. Possui energia elétrica, água encanada do Rio São Francisco, uma Escola Municipal (a escola *lócus* da pesquisa), um posto de saúde, duas linhas de ônibus, 10 unidades de telefone público e vários telefones residenciais (FACOMAR, 2003).

Muitas famílias participam das ações sociais do Governo Federal: Programa Saúde da Família (PSF), Bolsa Família e Programa do Leite. Quanto aos recursos hídricos, não tem riachos ou córregos, portanto nenhuma nascente consta, apenas um poço artesiano (desativado) e a lagoa que deu origem ao nome da vila (FACOMAR, 2003). A escola *lócus* da pesquisa foi a Escola de Ensino Fundamental Jany Camelo Lima, localizada na Vila Capim, s/n zona rural do município de Arapiraca no estado de Alagoas.

**Fig. 1:** Fotografia da fachada da escola.



**Fonte:** Arquivos da autora (2014)

Essa escola existe desde 06 de junho de 1962 na gestão do Prefeito João Lúcio da Silva quando foi decretada sua criação. A escola possui como patrona a senhora Jany Camelo Lima, esposa do ex-prefeito Francisco Pereira e mãe do estudante Hugo José Camelo Lima.

A referida escola está localizada na zona rural do município de Arapiraca e está afastada do centro da cidade em aproximadamente 8km. Está próxima da BR 220 que dá acesso ao Sertão Alagoano. Funciona nos turnos matutino e vespertino, sendo 06 turmas pela manhã e 07 turmas à tarde.

Os alunos desta escola são em sua maioria filhos de agricultores que sobrevivem da lavoura e do plantio do fumo. Possuem condições sócio-econômica considerada baixa, pois a maioria dessas famílias sobrevivem com uma renda inferior a um salário mínimo. Mesmo enfrentando essas dificuldades, os nossos alunos participam ativamente do meio cultural em que vivem e nossa comunidade possui igrejas, sede comunitária e uma unidade de saúde que em parceria com a escola investe na saúde física e nos hábitos diários desses alunos. (Projeto Político Pedagógico, março de 2015).

Os estudantes que fazem parte da escola moram tanto na Vila Capim quanto nas vilas circunvizinhas como na Vila Mundo Novo, Lagoa Cavada, Umbuzeiro, entre outras. A instituição possui em sua estrutura física: 01 secretaria 01 diretoria/coordenação, 07 salas de aulas, 01 cozinha, 01 depósito de merenda, 01 depósito de material de limpeza, 01 banheiro para professores e funcionários, 01 banheiro masculino, 01 banheiro feminino para os alunos, 01 área coberta, 01 área descoberta. As salas de aulas e cozinha são amplas, mas as demais dependências além de muito pequenas estão necessitando de alguns reparos em toda sua estrutura, necessitando de uma reforma.

Quanto ao quadro de pessoal, de acordo com o Projeto Político Pedagógico-PPP:

A escola dispõe de uma diretora, uma vice-diretora, uma coordenadora pedagógica, dois assistentes administrativos, treze professores, seis auxiliares de serviços administrativo Educacional, uma serviçal e dois vigias” (PPP, 2005, p.26).

A organização do ensino da Escola de Ensino Fundamental Jany Camelo Lima está distribuída da seguinte forma: 04 turmas de educação infantil com 76 alunos no turno vespertino, 02 turmas de 1º ano com 37 alunos no turno vespertino, 02 turmas de 2º ano sendo 01 no turno matutino com 25 alunos e 01 no vespertino com 25 alunos, 02 turmas de 3º ano com 41 alunos no turno matutino, 02 turmas de 4º ano com 46 alunos no matutino, 01 turma de 5º ano com 36 alunos, no matutino.

O atendimento à escolarização das crianças pequenas na escola Jany, está referendado no PPP quando cita a concepções de: criança, de cuidar e educar, de instituição de educação infantil, de Currículo na Educação Infantil, de Proposta Pedagógica, de linguagem, de construção da identidade na educação infantil, de valores na educação infantil, Diversidade

cultural e inclusão em Instituição de Educação Infantil e de avaliação na educação infantil, as concepções evidenciam a preocupação da instituição com a escolarização da população infantil.

No ano de dois mil e catorze havia uma turma com vinte e três crianças pequenas do pré-escolar I (alunos de quatro anos) e duas turmas com total de quarenta e sete crianças pequenas de pré-escolar II, e todas as turmas funcionavam no período vespertino. Das crianças pequenas do pré-escolar II, vinte e duas faziam parte da sala de aula pesquisada, vinte crianças pequenas residiam na Vila Capim, *lócus* da pesquisa, as demais moravam na Vila Mundo Novo que ficava a alguns quilômetros de distância da escola e chegavam até a escola através do transporte escolar.

Ao chegar à escola, lugar da pesquisa em 2013, percebi de imediato a falta de livros para trabalhar com os neoleitores da Educação Infantil, haja vista que na escola só havia livros com leituras muito longas cuja linguagem se encontrava na norma padrão e se distanciava da linguagem das pré-leitores da zona rural de Arapiraca. Foi possível verificar ainda que os livros existentes na biblioteca quase não possuíam imagens e houve uma preocupação por parte da aluna-professora, pois neste nível educacional encontram-se crianças pequenas que ainda não praticam a leitura convencional.

Em se tratando da falta de literatura para a faixa etária dos bebês, das crianças bem pequenas e das crianças pequenas foi instituído em 1997, uma política pública de leitura proposta pelo governo federal, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). O PNBE consiste na aquisição e distribuição de obras literárias para o uso de crianças pequenas, alunos em geral e professores das escolas da rede pública brasileira. Executado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento em Educação (FNDE), em parceria com a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (SEB/MEC). O programa tem como objetivo formar e qualificar bibliotecas escolares e proporcionar o acesso a livros que permitam os bebês, as crianças bem pequenas, as crianças pequenas e aos estudantes sua inserção em uma cultura letrada, bem como o contato com bens culturais que possam contribuir com o desenvolvimento de potencialidades leitoras (MEC/SEB, 2014).

Na Vila Capim, *lócus* da pesquisa, os livros do PNBE chegaram bem depois das estimativas estabelecidas pelo governo federal, deixando assim, as crianças pequenas da comunidade pesquisada desassistidas.

Um livro com desenhos atrai o olhar da criança pequena, incita sua curiosidade e pode ainda apresentar características relacionadas ao seu dia-a-dia, estabelecendo assim uma comunicação com o público infantil. Fez-se necessário, portanto, a professora mediadora

escolher bem os livros que privilegiassem palavras e imagens, adquirindo-os com recursos próprios, para que as crianças pequenas criassem uma relação que as aproximasse do livro, levando estas a terem sua iniciação no mundo da leitura.

## **OS GÊNEROS LITERÁRIOS E A LEITURA DAS IMAGENS: O TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Os primeiros livros destinados às crianças pequenas foram chamados de álbuns de figuras (livros de estampas, de imagens, etc.)<sup>2</sup>, e tinham por objetivo mediar ou estabelecer relações de prazer, de descobertas ou de conhecimento entre a criança pequena e os seres, os objetos, as coisas que as rodeiam e que começam a explorar inicialmente. Para muitos, a expressão “literatura infantil”, doravante LI, sugeria de imediato a ideia de belos livros coloridos designados à distração e ao prazer das crianças pequenas em lê-los, folheá-los ou ouvir suas histórias contadas por alguém. Devido a esse desempenho básico, até bem pouco tempo, a literatura infantil foi minimizada e tratada como um gênero sem muita importância. Portanto, a valorização da literatura infantil, como elemento de valor e de amplo alcance na formação das populações infantis é uma conquista recente.

Diante da ausência de “leituras” próprias aos neoleitores na Escola Jany, busquei enfrentar o problema lendo/trabalhando com diversos gêneros com as crianças pequenas durante o período de realização da pesquisa, de 2013 a 2015, pois sabemos que escutar histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é “ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo” Abramovich (1997). É através da leitura, que também descobrimos outros lugares, conhecemos novas emoções, sentimentos. O livro nos aproxima do imaginário, levando-nos a ter curiosidade, encontrar novas ideias para solucionar algumas questões.

Foi buscando alcançar o gosto em ler dos pré-leitores, o encantamento, o desejo de novas descobertas que em 2014 foi trabalhado o livro “João e o Pé de Feijão” que deu base a esta pesquisa e pertence ao gênero conto, mas além do livro João e o Pé de Feijão, outros títulos circularam pela sala como: Bruxa, bruxa venha a minha festa de Arden Druce, Menina bonita do cabelo de fita cuja autora é Ana Maria Machado, O leão e o camundongo de Jerry Pinkney, Já pra cama monstrinho de Mario Ramos, Mas que mula! de autoria de Martina Schreiner, entre outros.

---

<sup>2</sup> Os “álbuns de Père Castor” foram as mais famosas coleções de livros para o público infantil que se editou na França e se difundiu pelos demais países. No Brasil, as produções destinadas aos pequenos despontam ao final do século XIX e adquirem maioridade e relevância com Monteiro Lobato, a partir da década de 1920.

Inicialmente, o ato de observar precisou ser espontâneo, valorizando-se a aprendizagem e o potencial da criança pequena, deixando que perguntasse ou dissesse o que estavam entendendo sobre a imagem que estavam vendo, levando-se em conta o conhecimento prévio de cada um dos neoleitores.

As crianças pequenas realizaram uma observação livre das imagens contidas no livro, e puderam tecer os comentários que quiseram de tal forma que todo o grupo participou ativamente e com entusiasmo. Eu, como professora, pude atuar como mediadora durante a apreciação e leitura das imagens. Nesse caso, o trabalho foi o de acolher e socializar as falas das crianças pequenas. Mas, para refletirmos hoje acerca de leitura de imagens é necessário entendermos que devemos evitar o pensamento de que o ato de ler se restringe a seguir as letras e os símbolos do alfabeto, pois se fosse dessa forma jamais poderíamos pensar em leitura de imagens. Contrariando essa ideia é preciso entender que as imagens podem e devem ser lidas e que bons leitores não são apenas aqueles que leem as palavras e os livros, mas também os que leem as imagens.

Acerca da presença das imagens presentes no cotidiano atualmente, Santaella (2012) em seu livro *Leitura de Imagens*, cita que “as cidades contemporâneas estão repletas de sinais de trânsito, das luzes dos semáforos, das placas de orientação, dos nomes das ruas, das placas dos estabelecimentos comerciais, etc.”. Assim, todos esses símbolos nos ensinam que os desenhos são portadores de informação e de comunicação para as pessoas. É preciso refletir que as crianças pequenas que estão na escola hoje, serão os sujeitos do amanhã e que para situar-se no mundo é preciso antes de tudo educar o olhar, é necessário aguçar a sensibilidade.

Deste modo, “é preciso ir mais longe e chamar de leitor o espectador de cinema, TV e vídeo, o leitor que viaja pela internet que é povoada de imagens, sinais, mapas, rotas, lugares, pistas, palavras e textos” (SANTAELLA, 2012, p.10).

Hoje o desenho está presente em livros ilustrados, jornais e revistas, transformando o ato de ler em algo que vai muito além do descobrimento das letras “cada vez mais há relação entre palavras e imagem, entre o texto, a foto e a legenda, entre o tamanho dos tipos gráficos e o desenho da página, entre o texto e a diagramação” (SANTAELLA, 2012, pg. 11).

## **A METODOLOGIA DA PESQUISA: O QUE SE FEZ E COMO SE FEZ**

A experiência aqui narrada sustenta-se metodologicamente sob as bases da pesquisa-ação, visto que elegemos esse caminho metodológico para estudarmos como a leitura de imagens chega às crianças pequenas da Educação Infantil, mas confesso como aluna pesquisadora que inicialmente não me senti muito segura a princípio de como proceder,

todavia, após chegar a escola em 2014 e encontrar o problema anteriormente narrado, ou seja, a falta de livros para o trabalho com as crianças pequenas, logo recorri ao que está posto na BNCC, acerca da importância da Oralidade e escrita:

[...] “Sobretudo a presença da literatura infantil na Educação Infantil introduz a criança na escrita: além do desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo, a leitura de histórias, contos, fábulas, poemas e cordéis, entre outros, realizada pelo professor, o mediador entre os textos e as crianças pequenas, propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros.” (BNCC, Brasil, 2017).

Concordando com a BNCC, é de suma importância que a escola propicie desde cedo o encontro das crianças pequenas com a LI. Tendo em vista que na escola pesquisada no ano de 2014 ainda não havia chegado os livros do PNBE eu, enquanto aluna-pesquisadora verifiquei que as crianças pequenas precisavam entrar em contato com livros próprios para sua faixa etária, por outro lado enquanto aluna do Curso de Pedagogia, precisei desenvolver e aplicar um projeto em minha sala de interação que culminou neste artigo. Assim, este trabalho destaca-se como crucial no estudo da prática da pesquisa-ação, uma vez que ela pode funcionar como uma metodologia de pesquisa, pedagogicamente estruturada, na qual possibilita ao sujeito pesquisador um conhecimento crítico-reflexivo (FRANCO, 2008), a estratégia associa-se a formação das pessoas envolvidas, atrelando-se a uma investigação do trabalho docente na sala de interação, em que acontece o compartilhamento do desenvolvimento profissional da professora enriquecendo sua formação.

É importante destacar, como esclarece Thiollent (1986), que a pesquisa-ação não é considerada como metodologia. Trata-se de um método, ou de uma estratégia de pesquisa agregando vários métodos ou técnicas de pesquisa social, com os quais se estabelece uma estrutura coletiva, participativa e ativa ao nível da captação de informação. Nesse sentido, a pesquisa ação como abordagem de pesquisa levou a reflexão acerca da ação no uso do texto imagético no trabalho na EI buscando investigar a importância do uso desse gênero textual no desenvolvimento das crianças pequenas.

A pesquisa aconteceu ao longo de todo o ano de 2014, mas para fins de estudo e análise neste artigo, foi preciso fazer um recorte de uma de minhas ações em campo: “o trabalho com o conto João e o pé de feijão”. Vale ressaltar que utilizamos registros escritos, gravação de pequenos vídeos em celular e o registro em fotografias para coletar e posteriormente analisar os dados empíricos de minha intervenção e assim, ser capaz de refletir

sobre o processo em andamento buscando atingir os objetivos do trabalho com o texto e de autoformação como professora e agora como pesquisadora de minha própria prática.

Confesso que recontar precisamente o sentimento vivenciado é impossível porque foi a impressão do sucesso, do objetivo alcançado, todavia é necessário descrever para que este trabalho seja a sementinha para alguém que precisa enxergar as potencialidades existentes na soma entre Leitura de Imagens e Educação Infantil, a soma ou total nada mais é do que o despertar dos pré-leitores para o “mundo da leitura”. Assim, foi tentando dar visibilidade, veracidade e para fins de análise que inicialmente foi feito um *Print Screen*<sup>3</sup> da tela do computador, do reconto do texto João e o pé de Feijão por uma criança pequena de cinco anos de idade na sala de interação. As imagens da criança pequena aqui retratadas foram autorizadas pela família através de Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), após explicação do trabalho e de mostrar como tinha sido gravado o vídeo. O público infantil ouvinte não foi mostrado em fotos, haja vista que seriam muitos os TCLEs que deveriam ser autorizados pelas famílias das crianças pequenas que estavam presentes na sala de interação.

Para iniciar o momento do reconto do texto "João e o pé de feijão", a criança pequena se propôs voluntariamente a fazê-lo e após o consentimento, posicionou-se a frente da sala diante dos pré-leitores com o livro na mão, direcionou a imagem para o público infantil com desempenho marcante da narrativa e iniciou sua contação. Ao analisar as imagens do vídeo João e o pé de feijão, algumas ações performáticas tonaram-se evidentes no reconto oral.

**Fig. 3:** criança pequena abrindo o livro para iniciar o reconto da história



**Fonte:** arquivos da autora (2014)

É possível verificar a necessidade do reconto da história conforme as gravuras, sendo levada por sua imaginação. Esse despertar para formas de narrar inusitado também esteve presente no fechamento da contação onde a criança pequena apresentou ao público infantil uma versão em que João segurou na corda para descer pelo pé de feijão. Um fator importante

---

<sup>3</sup> O *Print screen* é uma tecla comum nos teclados de computador. No Windows, quando a tecla é pressionada, captura em forma de imagem tudo o que está presente na tela (exceto o ponteiro do mouse e vídeos) e copia para a Área de Transferência. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Print\\_screen](https://pt.wikipedia.org/wiki/Print_screen)

foi quando a criança pequena direcionou as imagens para o público infantil, apontando primeiro o desenho da mãe do menino e depois ela aponta para o desenho que representa João e diz: "Ele estava com fome, aí disse assim a mamãe dele: -Filhinho não tem comida não!"

**Fig. 4:** leitura de imagens feita pela criança pequena



**Fonte:** Arquivos da autora (2014)

Com muita habilidade a criança pequena olha para as imagens no livro e olha para os neoleitores, vira o livro em direção oposta e depois rapidamente volta a mostrar as ilustrações. Após mostrá-las ela baixa a cabeça para fazer a leitura das imagens enquanto o livro está aberto segurando-o carinhosamente entre os braços usando o corpo e o tronco como apoio.

Ao narrar a fala da mãe do menino, a neoleitora olhou para o alto fazendo entonação de voz, saindo da voz de narradora para incorporar a personagem feminina: -"Aí disse o que mais?" Perguntou a criança pequena como se estivesse questionando o público infantil enquanto passava para a segunda página do livro, mais uma vez ela observou as imagens e olhou-os sem timidez, demonstrando muita segurança ao recontar a história. A criança pequena demonstrou ser uma narradora obstinada como se soubesse o que quer das coisas e como tem sua própria forma de recontar a história da forma como a entendeu, ela continuou:

"-Vá comprar leite!

Aí ele encontrou o moço."

A criança pequena fez a leitura das imagens escancarando o livro para que o público infantil pudesse ver e ler conjuntamente o que diz as ilustrações sempre apontando para os desenhos enquanto narrava a história. Mais uma vez a criança pequena girou o livro em sua direção para ler a ilustração com muita habilidade e foi graças ao poder da comunicação das imagens que o livro pode ser lido aos pré-leitores.

As imagens presentes no livro João e o pé de feijão exerceram grande fascínio, encantando as crianças pequenas que estavam presentes e deixando-os curiosas ao virar de cada página. Principalmente no momento em que a criança/narradora fez a fala de que a mãe largou os feijões. Neste momento ela fez o gesto como se fosse jogar o livro tal qual a mãe de João fez com os grãos. Quando ela falou: "AÍ ELA JOGOU O FEIJÃO", a fala veio carregada de uma tonalidade mais alta para prender a atenção do público infantil que estava a

ouví-la. Acerca dessa transformação ao recontar a história, Oliveira (2014, p.123) argumenta que:

A cada diminuição/aumento de volume da voz, a cada pausa, aumento de velocidade no ritmo de enunciação oral do texto, imprimem-se diversas nuances de sentidos no que é lido. Se um braço se move lentamente e com resistência ao dizer uma palavra, uma frase uma vogal alongada, o leitor marca com seu corpo o texto e também é tatuado por ele.

Mais uma vez a criança pequena escancarou o livro para que as imagens pudessem invadir o ambiente. Esse gesto foi importante e significativo porque podemos perceber a partir da observação das gravações que na leitura dos pré-leitores o corpo a corpo se dá na materialidade das ilustrações, naquilo que chega primeiro aos olhos, na prática de leitura visual.

**Fig. 5:** criança pequena escancara o livro para ler as imagens juntamente com o público infantil.



**Fonte:** Arquivos da autora (2014)

Nesse momento a neoleitora colocou o livro no braço direito como mostra a figura 8, ela ficou ereta como se fosse marchar e deu um giro de 190° no lugar em que estava, com voz ativa e olhar determinado:

"- Aí pegou na mão dele...pegou ele..."

Aí o marido dela disse: (a criança pequena aponta para o desenho da esposa do gigante)

- Eu estou sentindo cheiro de criança"

A criança/narradora colocou mais uma vez o livro debaixo do braço para passar a página e para isso usa a mão esquerda, ela usou o corpo como suporte para segurar o livro, como se o livro e o corpo fossem uma única coisa, fossem membros interligados.

**Fig. 6:** gestos faciais demonstrando entonação de voz e performance



**Fonte:** Arquivos da autora (2014)

No momento em que a criança pequena narrou a fala do gigante, ligeiramente levantou a cabeça de forma altiva e seu rosto não era mais o da singela narradora que antes contava a história passivamente. A criança pequena deu voz grave ao gigante que se tornou amedrontador porque sua fisionomia era séria como a de um adulto quando quer impor a sua presença. Neste momento, ao narrar a história a criança pequena esteve totalmente entregue ao que contou e durante sua apresentação porque oras se tornava narradora, oras se transformava em personagem ou os dois juntos. [...] Não é somente a face de quem conta que expressa algo, é o corpo todo. É esse corpo que é entregue à história, que dramatiza e se torna consciente (WUO;RAMOS, 2014).

Seguindo a contação com o livro na posição horizontal, a pequena narradora deu um leve salto sem sair do chão e gritou como se fosse o próprio João com voz de susto pedindo socorro para a mãe: “-Mamãe, socorro mamãe! Tô descendo e o gigante quer me pegar”.

Nesse momento a criança pequena flexionou os joelhos, fechou a mão esquerda e segurou em uma corda imaginária com muita segurança (figura7).

**Fig. 7:** criança pequena segurou na corda imaginária



**Fonte:** Arquivos da autora (2014)

Seu corpo estremeceu ao olhar para a imagem e dizer que João pegou a galinha, houve então a reverberação no corpo da criança pequena como se ela tivesse recebido um choque na tomada de eletricidade. O momento da contação foi marcante uma vez que transmitiu o sentimento da criança pequena no momento da narração.

Para explicar esse fenômeno, Eliana Kefalás (2012, p. 111) diz que:

O que importa é o estalo, e ele se dá no contato, se dá “entre”; entre aquele que lê o livro, o livro e aquele que escreve; é algo que está na mediação, o que interessa é a própria mediação, sua dinâmica finita, carnal. Singular, num corpo a corpo com a palavra (neste caso na imagem), distinto de um sobrevoar o texto. Há que se passear pelo texto, aventurar-se nele e deixar que ele perfaça naquele que lê caminhos imprevisíveis. Interessa o contato, a carne da palavra no corpo do leitor, a carne do leitor no corpo da palavra.

Em Literatura há espaço não somente para a razão e a lógica, mas também para as sensações, os afetos e para o que na experiência pode parecer ilógico.

No momento final da contação, a pequena/grande narradora olhou para o livro lendo sua gravura e olhou para o público infantil. Ela então abriu os braços, segurando agora o livro

só com a mão esquerda e como se fosse abraçar alguém ela lentamente faz um sinal de negação para informar categoricamente: -E depois disso, nunca mais passou fome...Felizes para sempre.

A criança pequena usou sabiamente o corpo durante a contação como um apoio tanto para o livro quanto para personificar os personagens. No contato corporal entre livro e leitor, Wuo e Ramos (2014, p.76) defendem que:

O corpo como um meio, é a maneira mais simples, refinada e mais completa de contar histórias porque exige a presença do contador e sua interação com o ouvinte. Qualquer maneira de contar, com determinada técnica ou material auxiliar não dispensa a estimulação da conscientização corporal.

É necessário escutar o que o corpo pede para fazermos com a história. Para que ela tenha sentido e ganhe vida. É preciso também escutar com o olhar quando se lê um livro, falar ou narrar uma história explorando modulações da voz, mais baixo, mais alto, ritmos diferenciados, rápidos, lentos e procurar observar se a voz está envolvendo o espaço físico, como fez a criança pequena, se está agindo como um abraço entre voz e corpo. Nesse sentido a voz se torna corpo e o corpo se torna voz criando no público infantil um encanto, uma magia, uma ludicidade.

Foi com esse clímax que ao final da narração a criança pequena/narradora foi muito aplaudida pelo público infantil ouvinte, então ela exultante de alegria e prazer segurou o livro apertando-o contra o peito, abraçando o livro com bastante ternura e também desejo, como se tivesse conquistado um troféu.

**Fig. 8:** Momento de encerramento da contação



**Fonte:** arquivos da autora (2014)

Um trabalho que envolva leitura de imagens e contação de história faz-se importante desde a Educação Infantil porque mais do que ter as habilidades e competências para viver em um mundo letrado, mais do que simplesmente dominar gêneros textuais, as crianças pequenas podem aprender com a literatura a ter uma maior abertura para estranhar, reinventar e enxergar esse mundo. O/a professor/a e a escola que adotam essa postura poderão transformar os estudantes em pessoas críticas e transformadoras, leitores perspicazes da realidade.

## CONCLUSÃO

A comunicação por imagens faz parte da história da civilização desde os seus primórdios, no entanto, as formas primitivas de comunicação cederam lugar às novas tecnologias, sendo assim, as possibilidades de utilização das imagens e os espaços por elas ocupados ampliam-se consideravelmente no cotidiano do homem contemporâneo.

Como afirmamos no título deste trabalho, antes de ler e escrever convencionalmente, a criança pequena já realiza diversas leituras, assim a imagem nos alcança, mas é preciso que o nosso olhar também as alcance. Para que essa interação aconteça precisamos educar nosso olhar e mexer nosso corpo. A educação do olhar é uma competência aprendida.

A singularidade deste trabalho, portanto é abordar o papel da Literatura Infantil como agente estimulador da linguagem pela interação entre as crianças pequenas e delas com a pesquisadora que, como mediadora explorou e valorizou a participação da criança pequena nos momentos de fala, de conto a partir das gravuras e do uso do corpo.

Ao fazer uma reflexão das aulas através dos vídeos foi possível revisar a minha prática pedagógica e iniciar uma mudança de ações pensando agora enquanto pesquisadora, além de promover uma prática diferenciada às crianças pequenas envolvidas. Nesse sentido a pesquisa-ação contribuiu para esta pesquisa quando houve a mudança positiva por parte da pesquisadora e do público infantil pesquisado visando uma educação do olhar e um corpo a corpo entre os pré-leitores e a leitura do livro com imagens.

É pensando acerca dos desafios encontrados pelos professores nas salas de interação que recomendamos esse trabalho como leitura para futuras pesquisas na área de Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, uma vez que o uso da pesquisa-ação para os docentes traz benefícios à formação inicial de professores, na medida em que contribui para a aquisição de conhecimentos de diferentes naturezas, isto é, tanto no âmbito pessoal, profissional, como no político e social. Ou seja, as abordagens de pesquisa-ação pressupõem mudanças nas situações vigentes, no sentido de melhorá-las.

É preciso, portanto, refletir que mesmo em meio a tantas pesquisas na área de educação, ainda há certa carência de pesquisas onde o/a pesquisador/a se debruce sobre sua própria prática, ou seja, desenvolva um processo de pesquisar-agir-pesquisar para que seja possível fazer uma intervenção na sua práxis. Acreditamos que refletir sobre o sentido dessa melhoria seja o primeiro passo para a implementação responsável da pesquisa-ação na formação inicial de professores.

## REFERÊNCIAS:

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997, (Pensamentos e Ação no Magistério)

BURLAMAQUE, Fabiane Verardi et al. A leitura do livro de imagem na formação do leitor. In: SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (orgs.). **Leitura literária na escola: Reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011, p.75-94.

BELLI, Roberto. **João e o pé de feijão**. Coleção: Mini – clássicos. p.16. 2012.

BRASIL. **Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm). Acessado em 24 de agosto de 2015.

\_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 12.07.2019

\_\_\_\_\_. **Ministério da Educação-Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação-FNDE**. Edital de Convocação para Inscrição de Obras de Literatura no Processo de Avaliação e seleção para o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE 2008. Brasília, 2007. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/edital\\_pnbe\\_2008.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/edital_pnbe_2008.pdf). Acesso em: 15/07/2015.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 15/07/2015.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 15/07/2015

\_\_\_\_\_. **Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (SEB/MEC)**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-basica>. Acesso em: 15/07/2015.

CAMARGO, Luís. **A ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Lê. 1995.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2010.

DROUET, Ruth Caribe da Rocha. **Fundamentos da educação pré-escolar**. São Paulo: Ática, 1990.

DRUCE, A. **Bruxa, bruxa: venha a minha festa**. Ilustração de Pat Ludlow. São Paulo: Brinque-book, 1995.

ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL JANY CAMELO LIMA. **Projeto Político Pedagógico-PPP**. 2005, p. 200.

FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES COMUNITÁRIAS DE MORADORES DO MUNICÍPIO DE ARAPIRACA (Facomar). **As comunidades rurais de Arapiraca: realidades e possibilidades**. 2003, p. 105-113.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pesquisa-ação e prática docente. In: PIMENTA, Selma Garrido; FRANCO, Maria Amélia Santoro (Orgs.). **Pesquisa em educação: possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação**. São Paulo: Edições Loyola, 2008. p.103-138.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 46.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GUEDES, Zezito. **Arapiraca através do tempo**. Maceió: Gráfica Mastergraphy Ltda, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Panorama Arapiraca**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/arapiraca/panorama>. Acessado em: 17 de agosto de 2016.

KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. **Com a pré-escola nas mãos**. São Paulo: Ática, 1987.

\_\_\_\_\_;JOBIN E SOUZA, Solange. **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo: Ática, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. Ilustração de Claudius, São Paulo, Ática, 2001.

MACEDO, Valdemar Oliveira de. **Raízes de Arapiraca**. Disponível em: <http://www.raizesdearapiraca.com.br/valdemar-oliveira-de-macedo/>. Acessado em: 24 de agosto de 2015.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12368:programa-nacional-biblioteca-da-escola&catid=309:programa-nacional-biblioteca-da-escola&Itemid=574](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12368:programa-nacional-biblioteca-da-escola&catid=309:programa-nacional-biblioteca-da-escola&Itemid=574). Acessado em: 24 de agosto de 2015.

MORAES, A. S; DIONÍSIO, A. P.. O entorno dos pôsteres acadêmicos. In: **Anais do XVII Congresso de Iniciação Científica da UFPE**, Recife, 2009. Disponível em: <http://www.aedmoodle.ufpa.br/>. Acesso em: 01 ago. 2019. p. 1-4.

PINTO, Manuel. A infância como construção social. In: PINTO, M. & SARMENTO, M. J. **As crianças – contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança/ Universidade do Minho – Portugal, 1997.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA. Plano Nacional da Primeira Infância (PNPI, 2016-2026). Disponível em: <http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2017/08/PMPI-OK-PARA-IMPRESS%C3%83O-.pdf>. Acessado em: 17 de agosto de 2018.

PINKNEY, Jerry. **O leão e o camundongo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

RAMOS, Mario. **Já pra cama, monstrinho!** Ilustrações da autora, tradução Bruno Berlendis de Carvalho. 1. ed. São Paulo: Berlendis&vertecchia, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012a.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ARAPIRACA. **Lei N° 2.840/2012**: Institui o Plano Municipal de Educação do Município de Arapiraca, e adota providências correlatas. Disponível em: <http://www.arapiraca.al.gov.br/v3/leis2.php?agrp=131>. Acessado em: 17 de agosto de 2015.

SERVA, M.; JAIME JR, P. **Observação participante e pesquisa em administração**: uma postura antropológica. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.35, n.1, p.64-79, mai/jun 1995.

SCHREINER, Martina. **Mas que mula!** 1.ed. São Paulo: Escrita Fina. 2013, p.32.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 17.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de (Org.). **Educação da infância**: história e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

WUO, Ana Elvira; RAMOS, Isabel; JESUS, Adilson N. Ler e contar histórias: uma espiral mediadora na unidade corporal, lúdica e encantatória. In: OLIVEIRA, Eliana Kefalás; MORAES, Giselly Lima de; PEPE, Cristiane Marcela. (Orgs.). **Leitura Literária e Mediação**. Campinas. SP: Edições leitura crítica, 2014, p. 69- 77.